

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA – ULRIKE OTTINGER
28 de Outubro de 2021**

**SUPERBIA / 1986
("ORGULHO")**

Um filme de Ulrike Ottinger

Realização, Argumento, Fotografia: Ulrike Ottinger *Montagem:* Bettina Böhler *Som:* Margit Eschenbach *Guarda-Roupa:* Gisela Storch, Anne Jud, Hella Utesch *Caracterização:* Barbara Marthaler, Manfred Schröder *Esculturas:* Arndt von Diepenbroick *Pinturas:* Heinz Bert Dreckmann *Assistente de Realização:* Christine Egerland *Interpretação:* Delphine Seyrig (Condessa), Irm Hermann (Director do banco), Else Nabu (Dragão chinês), Gabriele Heidecker (Princesa Lúcifer), Hisao Saito (Orgulho, Samurai), Margie Ellgaard (Capitalista), Renate Schleisier (General), Ting-I Li (General), Wolfgang Petrick, Maria Rubina, Beatrice Stammer, Chris Smith, Annette Eckert, Judith Hackfeld, Katrin Behrens, Judith Hackfeld, Katrin Behrens, Gordana Mikovic, Martina Marx, Rita dalle Carbonare, Alfred Buchelt, Mausí Buchelt, Alexander Lick, Harry Puhl mann, Marina Dinker, Eva Meyer, Irm Seufert, Herbert Levine, Dieter Höppner, Stephanie Lavigne, Regina Rudnick, Alina Lieske, Bernhard Jahn e o Coro Musikschule Neukölln.

Produção: Filmproduktion para ZDF, Mainz *Produtor:* Ulrike Ottinger *Produtores Executivos:* Hanna Rogge, Herbert Kerz *Estreia Mundial:* Oberhausen, 1986 *Primeira Apresentação em Portugal:* Festival Internacional da Figueira da Foz, 1986 *Cópia:* DCP, cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 16 minutos.

**DAS EXEMPLAR / 2002
("O Espécimen")**

Um filme de Ulrike Ottinger

Realização: Ulrike Ottinger / *Argumento:* Ulrike Ottinger, Baseado num conto de Valentin Katayev / *Direcção de Fotografia:* Stefan Gohlke / *Música:* Lily Grote / *Montagem:* Bettina Blickwede / *Interpretação:* Hanns Zischler, Raymond Wolf, Thorsten Heide, Heidi von Plato, Eva Ebner, etc.

Produção: Ulrike Ottinger / *Cópia:* digital, preto e branco, falada em alemão com legendagem em português / *Duração:* 18 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal*

**LAOKOON & SÖHNE / 1972-73
("Laoconte e Filhos")**

Um filme de Ulrike Ottinger e Tabea Blumenschein

Realização: Ulrike Ottinger e Tabea Blumenschein / *Argumento:* Ulrike Ottinger / *Texto:* Ulrike Ottinger e Chiquita Brook (Xavier Arroyuelo) / *Direcção de Fotografia:* Ulrike Ottinger / *Interpretação:* Ulrike Ottinger (Kakalia Katzen), Tabea Blumenschein (Esmeralda del Rio, Olímpia Vincitor, Linda MacNamara, Jimmy Junod).

Produção: Ulrike Ottinger / *Cópia:* DCP, preto e branco, falada em alemão com legendagem em português / *Duração:* 48 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na*

SUPERBIA, curta-metragem realizada para a ZDF como um dos episódios da série “Sieben Frauen — Sieben Sunden”, é um trabalho que invoca o começo de Ottinger na ficção vanguardista, altamente estilizada e nada ortodoxa. SUPERBIA apresenta o orgulho como o “primeiro dos pecados capitais” a que os artistas, enquanto criadores terrenos, estão associados. Para dar expressão visual a esta ideia, Ottinger escolhe intercalar o cortejo de figuras alegóricas, a que o barroco é expressamente convocado, com imagens documentais de paradas militares, festas, manifestações e desfiles. A imagem da soberba, triunfante, mas também trágica.

M.J.M.

Das Exemplar baseia-se num conto do escritor soviético Valentin Katayev (1897-1986), publicado originalmente em 1926, que se pretendia um olhar, em forma de farsa, sobre as rápidas mudanças acontecidas na URSS na primeira década a seguir à Revolução. Ottinger amplia e exponencia as qualidades farsantes do conto de Katayaev, construindo em primeiro lugar uma espécie de farsa do cinema mudo (cujos gestos e maneirismos, da fotografia à maquilhagem, são mimados por Ottinger), e depois, sobre isso, ergue um número de artificialismo teatral levado ao extremo, como um espectáculo de cabaret, venenoso e trocista.

No último filme da sessão fazemos um flash-back com **Laokoon & Söhne**. O primeiro filme de Ulrike Ottinger é bem demonstrativo das suas origens enquanto artista. Ottinger foi (é) alguém que se aproximou do cinema enquanto médium contíguo (ou possivelmente contíguo) de outras artes e de outros modos de expressão, e é indubitável, perante este filme, pensar que o trabalho sobre essa contiguidade (a sua criação ou a sua exploração) se assumiu, pelo menos nesta fase inicial, como uma das preocupações fundamentais da cineasta alemã. **Laokoon & Söhne** é um filme claramente situado na órbita daquilo que por facilidade de expressão genérica se costuma designar por cinema de “vanguarda” ou cinema “underground” - e duma perspectiva histórica esta segunda designação fará mais sentido dada a evidente proximidade do filme com alguns princípios e modelos oriundos do “underground” americano, de Warhol a alguém como Jack Smith.

Ottinger falou de “*uma noção de transformação. Colhida no Orlando de Virginia Woolf contendo a ideia de morte e de destruição tanto quanto de ressurreição*”. O tema da transformação - assim como, se se quiser, do “transformismo”, da encarnação de várias “personagens” pelos mesmos corpos - parece de facto inegável, assim como um jogo (Woolf e *Orlando* não serão referências casuais) com as identidades e os estatutos sexuais, que muito trazem à memória, como acima se disse, algumas experiências do underground americano (mas podíamos acrescentar alemães como Rosa von Praunheim, por exemplo).

Na estrutura libérrima do filme de Ottinger perpassa também uma ideia - um método - claro às correntes vanguardistas dos anos 60 e 70: a colagem, a mistura de referências heteróclitas através da qual se constrói, tanto quanto se evoca, um conceito de “glamour” moldado na provocação “cabarética” e no seu perfume de “decadência”. De resto, se atentarmos no modo como a ideia de colagem é incorporada pelo trabalho da banda sonora musical, **Laokoon & Söhne** podia ser descrito como uma “performance” de cabaret, alegremente “malsã” e assumida como uma espécie de “mina” de toda uma tradição exacerbadamente romântica.

Luís Miguel Oliveira